

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Hans de Ferro

Era uma vez um rei que tinha uma grande floresta perto de seu palácio, cheia de todos os tipos de animais selvagens. Um dia, ele enviou um caçador para lhe trazer um corço, mas ele não voltou. "Talvez tenha acontecido algum acidente com ele", disse o rei, e no dia seguinte enviou mais dois caçadores para procurá-lo, mas eles também não retornaram. Então, no terceiro dia, ele chamou todos os seus caçadores e disse: "Revistem toda a floresta e não desistam até encontrarem os três." Mas nenhum deles voltou para casa, nem foram vistos novamente. A partir de então, ninguém mais se aventurou na floresta, que permaneceu em profundo silêncio e solidão, e nada mais foi visto dela, exceto às vezes uma águia ou um falcão voando sobre ela. Isso durou muitos anos, até que um caçador desconhecido se apresentou ao rei em busca de aventura e se ofereceu para entrar na floresta perigosa. O rei, no entanto, não lhe deu permissão e disse: "Não é seguro lá dentro; temo que seu destino não seja diferente do dos outros, e você nunca mais sairá de lá." O caçador respondeu: "Senhor, arriscarei por minha própria conta, não conheço o medo."

O caçador, então, entrou na floresta com seu cachorro. Não demorou muito para que o cachorro encontrasse uma presa no caminho e quisesse persegui-la; mas mal havia corrido dois passos quando parou diante de um

lago profundo, sem poder avançar mais, e um braço nu se estendeu para fora da água, agarrou-o e o puxou para baixo. Quando o caçador viu isso, voltou e trouxe três homens com baldes para esvaziar a água. Quando conseguiram ver o fundo, lá jazia um homem selvagem, cujo corpo era marrom como ferro enferrujado e cujos cabelos pendiam sobre o rosto até os joelhos. Eles o amarraram com cordas e o levaram ao castelo. Houve grande espanto com o homem selvagem; o rei, no entanto, mandou colocá-lo em uma jaula de ferro no pátio e proibiu que a porta fosse aberta sob pena de morte, e a própria rainha ficou encarregada da chave. A partir desse momento, todos podiam entrar na floresta em segurança novamente.

O rei tinha um filho de oito anos, que um dia estava brincando no pátio, e enquanto brincava, sua bola dourada caiu dentro da jaula. O menino correu até a jaula e disse: "Me dê minha bola." "Só se você abrir a porta para mim", respondeu o homem. "Não", disse o menino, "não farei isso; o rei proibiu", e correu embora. No dia seguinte, ele voltou e pediu sua bola novamente; o homem selvagem disse: "Abra minha porta", mas o menino não quis. No terceiro dia, o rei havia saído para caçar, e o menino foi mais uma vez e disse: "Eu não posso abrir a porta, mesmo que queira, porque não tenho a chave." Então o homem selvagem disse: "Ela está debaixo do travesseiro de sua mãe, você pode pegá-la lá."

O menino, que queria recuperar sua bola, esqueceu de tudo e trouxe a chave. A porta abriu-se com dificuldade, e o menino prendeu os dedos. Quando se

abriu, o homem selvagem saiu, deu-lhe a bola dourada e apressou-se a ir embora. O menino ficou com medo; chamou e gritou atrás dele: "Oh, homem selvagem, não vá embora, ou serei castigado!" O homem selvagem voltou, pegou-o, colocou-o sobre os ombros e entrou rapidamente na floresta. Quando o rei voltou para casa, viu a jaula vazia e perguntou à rainha como aquilo havia acontecido. Ela não sabia de nada e procurou a chave, mas ela havia sumido. Chamou o menino, mas ninguém respondeu. O rei mandou pessoas procurá-lo nos campos, mas não o encontraram. Então ele logo imaginou o que havia acontecido, e grande tristeza tomou conta da corte real.

Quando o homem selvagem chegou à floresta escura, colocou o menino no chão e disse: "Você nunca mais verá seu pai e sua mãe, mas eu o manterei comigo, pois me libertou, e tenho compaixão de você. Se fizer tudo o que eu mandar, você se sairá bem. Tenho tesouros e ouro em abundância, mais do que qualquer um no mundo." Ele preparou uma cama de musgo para o menino, sobre a qual ele dormiu, e na manhã seguinte o homem o levou até um poço e disse: "Veja, o poço dourado é tão brilhante e claro quanto cristal, você deverá sentar-se ao lado dele e garantir que nada caia dentro, ou ele será poluído. Eu virei todas as noites para ver se você obedeceu à minha ordem."

O menino sentou-se à beira do poço e muitas vezes viu um peixe dourado ou uma cobra dourada aparecer, e tomou cuidado para que nada caísse dentro. Enquanto estava sentado, seu dedo doía tanto que, involuntariamente, o mergulhou na água. Rapidamente o

retirou, mas viu que estava completamente dourado, e por mais que tentasse lavar o ouro, não adiantava nada. À noite, Hans de Ferro voltou, olhou para o menino e disse: "O que aconteceu com o poço?" "Nada, nada", respondeu ele, escondendo o dedo atrás das costas para que o homem não visse. Mas Hans de Ferro disse: "Você mergulhou o dedo na água, desta vez passa, mas tome cuidado para que isso não aconteça novamente."

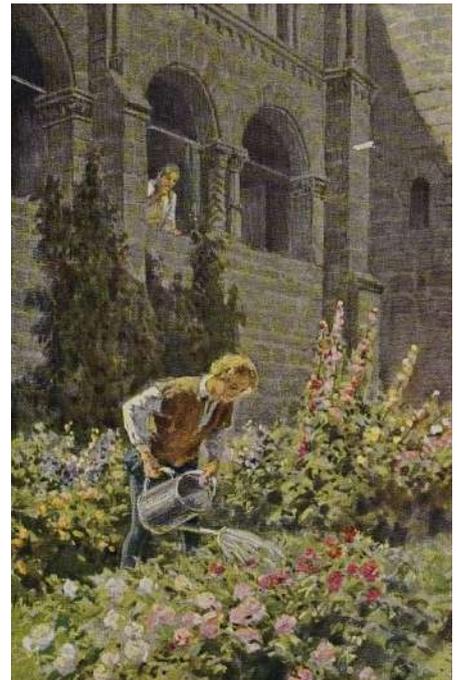
Ao amanhecer, o menino já estava sentado ao lado do poço, vigiando. Seu dedo doía novamente, e ele o passou sobre a cabeça, e então, infelizmente, um fio de cabelo caiu no poço. Ele o tirou rapidamente, mas já estava completamente dourado. Hans de Ferro veio e já sabia o que havia acontecido. "Você deixou um cabelo cair no poço", disse ele. "Vou permitir que o vigie mais uma vez, mas se isso acontecer pela terceira vez, o poço será poluído e você não poderá mais ficar comigo."

No terceiro dia, o menino sentou-se ao lado do poço e não mexeu o dedo, por mais que doesse. Mas o tempo parecia longo para ele, e ele olhou para seu reflexo na superfície da água. E enquanto se inclinava cada vez mais para olhar diretamente nos olhos, seu longo cabelo caiu dos ombros para dentro da água. Ele se levantou rapidamente, mas todo o seu cabelo já estava dourado e brilhava como o sol. Você pode imaginar o quanto o pobre menino ficou apavorado! Pegou seu lenço e amarrou-o na cabeça para que o homem não visse.

Quando Hans de Ferro chegou, já sabia de tudo e disse: "Tire o lenço." Então o cabelo dourado fluiu, e por mais que o menino tentasse se desculpar, não adiantava.

"Você não passou na prova e não pode mais ficar aqui."

Vá pelo mundo, lá você aprenderá o que é a pobreza. Mas como você não tem um coração mau e eu gosto de você, concederei uma coisa: se algum dia estiver em dificuldade, venha à floresta e grite: 'Hans de Ferro', e eu virei ajudá-lo. Meu poder é grande, maior do que você pensa, e tenho ouro e prata em abundância." Então, o filho do rei deixou a floresta e seguiu por caminhos batidos e não batidos sempre em frente, até que por fim chegou a uma grande cidade. Lá, ele procurou trabalho, mas não encontrou nenhum, e não aprendeu nada com que pudesse se sustentar. Por fim, foi até o palácio e perguntou se o aceitariam. As pessoas ao redor da corte não sabiam que utilidade poderiam fazer dele, mas gostaram dele e disseram que ele poderia ficar. Finalmente, o cozinheiro o tomou a seu serviço e disse que ele poderia carregar lenha e água e juntar as cinzas. Certa vez, quando não havia mais ninguém por perto, o cozinheiro ordenou que ele levasse a comida à mesa real, mas como não queria que vissem seu cabelo dourado, manteve seu pequeno gorro na cabeça. Algo assim nunca havia ocorrido diante dos olhos do rei, e ele disse: "Quando vier à mesa real, deve tirar o chapéu." Ele respondeu: "Ah, senhor, não posso; tenho uma ferida ruim na cabeça." Então, o rei mandou chamar o cozinheiro, repreendeu-o e perguntou como ele pôde aceitar um rapaz assim a seu serviço, ordenando



que ele o mandasse embora imediatamente. O cozinheiro, no entanto, teve pena dele e o trocou pelo ajudante do jardineiro.

Agora o rapaz tinha que plantar e regar o jardim, capinar e cavar, e suportar o vento e o mau tempo. Certo dia de verão, enquanto trabalhava sozinho no jardim, o dia estava tão quente que ele tirou o gorro para que o ar pudesse refrescá-lo. Quando o sol brilhou sobre seu cabelo, ele reluziu e cintilou de tal forma que os raios caíram no quarto da filha do rei, que pulou da cama para ver o que era aquilo. Então, ela viu o rapaz e gritou para ele: "Rapaz, traga-me uma coroa de flores." Ele colocou o gorro de volta com toda rapidez, colheu flores do campo e as entrelaçou. Quando subia as escadas com elas, o jardineiro o encontrou e disse: "Como pode levar à filha do rei uma guirlanda de flores tão comuns? Vá depressa e faça outra, procurando as mais bonitas e raras." "Ah, não", respondeu o rapaz, "as flores do campo têm mais perfume e vão agradá-la mais." Quando entrou no quarto, a filha do rei disse: "Tire o gorro, não é apropriado mantê-lo na minha presença." Ele novamente disse: "Não posso, tenho uma ferida na cabeça."

Ela, no entanto, agarrou seu gorro e o puxou, e então seus cabelos dourados caíram sobre seus ombros, esplêndidos de se ver. Ele quis sair correndo, mas ela o segurou pelo braço e lhe deu um punhado de ducados. Ele partiu com eles, mas não se importava com as moedas de ouro. Levou-as até o jardineiro e disse: "Dou isso a seus filhos, eles podem brincar com elas." No dia

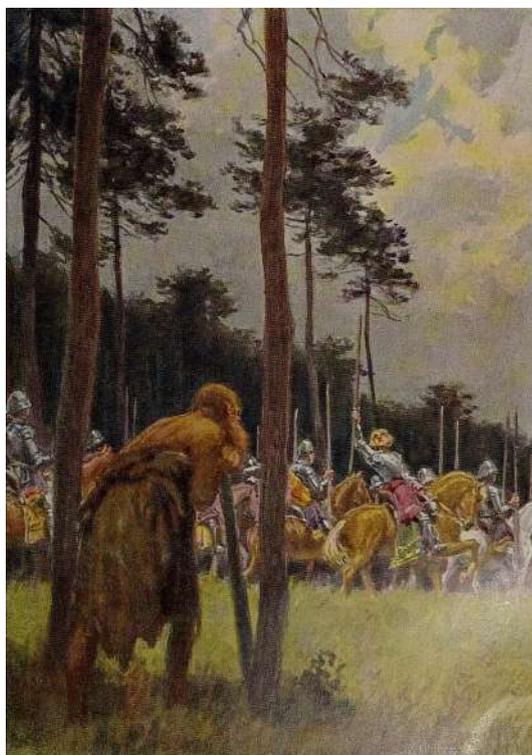
seguinte, a filha do rei novamente chamou o rapaz e pediu que lhe trouxesse uma coroa de flores do campo, e quando ele entrou com ela, ela tentou arrancar seu gorro outra vez, mas ele segurou com ambas as mãos. Mais uma vez, ela lhe deu um punhado de ducados, mas ele não quis ficar com eles e os entregou ao jardineiro para que seus filhos brincassem. No terceiro dia, aconteceu o mesmo; ela não conseguiu tirar seu gorro, e ele não aceitou seu dinheiro.

Não muito tempo depois, a guerra assolou o país. O rei reuniu seu povo e não sabia se poderia enfrentar o inimigo, que era mais forte e tinha um grande exército. Então, o ajudante do jardineiro disse: "Já sou crescido e vou para a guerra também, só preciso de um cavalo." Os outros riram e disseram: "Procure um para você quando partirmos; deixaremos um para trás no estábulo."

Quando partiram, ele foi ao estábulo e levou o cavalo para fora; ele mancava de uma pata e andava tropeçando. Mesmo assim, ele montou e cavalgou até a floresta escura. Ao chegar à orla, chamou três vezes "Hans de Ferro" tão alto que ecoou entre as árvores. Imediatamente, o homem selvagem apareceu e perguntou: "O que deseja?" "Preciso de um cavalo forte, pois vou para a guerra." "Isso você terá, e mais do que pediu." Então, o homem selvagem entrou na floresta, e logo depois um cavaliariço saiu dela, conduzindo um cavalo que resfolegava e mal podia ser contido, seguido por um grande grupo de guerreiros totalmente equipados com armaduras de ferro, cujas espadas brilhavam ao sol. O jovem entregou seu cavalo manco ao cavaliariço, montou o outro e cavalgou à frente dos

soldados. Quando chegou ao campo de batalha, grande parte dos homens do rei já havia caído, e pouco faltava para que o resto recuasse. Então, o jovem galopou com seus soldados de ferro, rompendo como um furacão

sobre o inimigo e derrubando todos que se opunham a ele.



Eles começaram a fugir, mas o jovem os perseguiu e não parou até que não restasse um único homem. Em vez de retornar ao rei, ele conduziu seu exército por caminhos escondidos de volta à floresta e chamou Hans de Ferro. "O que deseja?" perguntou o homem selvagem. "Devolva-me meu cavalo manco e leve de volta o cavalo e os

soldados." Tudo foi feito conforme pediu, e logo ele cavalgava novamente em seu cavalo manco. Quando o rei retornou ao palácio, sua filha foi ao seu encontro e felicitou-o pela vitória. "Não fui eu quem trouxe a vitória", disse ele, "mas um cavaleiro desconhecido que veio em meu auxílio com seus soldados." A filha quis saber quem era o cavaleiro, mas o rei não sabia e disse: "Ele perseguiu o inimigo, e eu não o vi novamente." A filha perguntou ao jardineiro onde estava seu ajudante, mas ele sorriu e disse: "Ele acabou de voltar em seu cavalo de três pernas, e os outros zombaram dele, gritando: 'Lá vem nosso manquitola de novo!' Perguntaram também: 'Sob qual cerca você ficou

dormindo todo esse tempo?' Ele disse: 'Fiz o melhor que pude, e sem mim teria sido muito pior.' E então riram ainda mais dele."

O rei disse à filha: "Proclamarei uma grande festa que durará três dias, e você lançará uma maçã de ouro. Talvez o homem desconhecido se revele." Quando a festa foi anunciada, o jovem foi à floresta e chamou Hans de Ferro. "O que deseja?" perguntou ele. "Quero pegar a maçã de ouro da filha do rei." "Isso é tão certo quanto se já a tivesse em mãos", disse Hans de Ferro. "Você também terá uma armadura vermelha e um cavalo castanho fegoso para a ocasião." Quando chegou o dia, o jovem cavalgou até o local, colocou-se entre os cavaleiros e ninguém o reconheceu. A filha do rei surgiu e lançou a maçã de ouro aos cavaleiros, mas apenas ele a pegou. Assim que a teve, galopou para longe.

No segundo dia, Hans de Ferro o equipou como um cavaleiro branco e lhe deu um cavalo branco. Novamente, ele foi o único a pegar a maçã, e fugiu imediatamente. O rei ficou furioso e disse: "Isso não pode ser permitido; ele deve se apresentar e dizer seu nome."

No terceiro dia, ele recebeu de Hans de Ferro uma armadura preta e um cavalo preto, e mais uma vez pegou a maçã. Mas, ao fugir, os guardas do rei o perseguiram, e um deles conseguiu ferir sua perna com a ponta da espada. Mesmo assim, ele escapou, mas seu cavalo saltou com tanta força que seu capacete caiu, revelando seu cabelo dourado. Os guardas voltaram e contaram isso ao rei.

No dia seguinte, a filha do rei perguntou ao jardineiro sobre seu ajudante, e ele respondeu: "Ele está

trabalhando no jardim; aquele rapaz estranho também esteve na festa e só voltou ontem à noite. Além disso, mostrou a meus filhos três maçãs douradas que ganhou."

O rei mandou chamá-lo à sua presença, e ele veio, novamente com seu pequeno chapéu na cabeça. Mas a filha do rei se aproximou dele, tirou o chapéu, e então seus cabelos dourados caíram sobre seus ombros, e ele era tão bonito que todos ficaram maravilhados. "Você é o cavaleiro que vinha todos os dias ao festival, sempre com cores diferentes, e que pegou as três maçãs douradas?" perguntou o rei. "Sim," respondeu ele, "e aqui estão as maçãs," e as tirou do bolso e as devolveu ao rei. "Se

deseja mais provas, pode ver a ferida que seu povo me deu quando me seguiu. Mas também sou o cavaleiro que ajudou a sua vitória sobre seus inimigos." "Se você pode realizar feitos como esses, não é um simples jardineiro; diga-me, quem é seu pai?" "Meu pai é um poderoso rei, e ouro eu tenho em abundância, tanto quanto preciso." "Vejo bem,"

disse o rei, "que devo meus agradecimentos a você; posso fazer algo para agradá-lo?" "Sim," respondeu ele, "isso você pode. Dê-me sua filha em casamento." A donzela riu e disse: "Ele não se importa muito com cerimônias, mas já vi pelos seus cabelos dourados que ele não era um simples jardineiro," e então ela foi e o beijou. Seu pai e sua mãe vieram ao casamento e



ficaram muito felizes, pois haviam perdido toda a esperança de ver seu querido filho novamente. E enquanto estavam sentados no banquete de casamento, a música de repente parou, as portas se abriram, e um majestoso rei entrou com um grande séquito. Ele se aproximou do jovem, o abraçou e disse: "Eu sou Hans de Ferro, e fui por encantamento um homem selvagem, mas você me libertou; todos os tesouros que possuo serão sua propriedade."